

BONS VERDES

VINHOS
VERDES
Região Demarcada desde 1908



VITICULTURA

Ministro quer
descativar
verbas para
promoção

P. 4 e 5

ENOLOGIA

A importância
do ácido málico
nos vinhos
brancos

P. 6

ENOTURISMO

Porto e Norte
com nova
plataforma
digital

P. 9

ECONOMIA E MERCADOS

Há novos
investidores a
apostar nos
Vinhos Verdes

P. 10 e 11

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Escaldão obriga
a repensar
práticas na
vinha

P. 12

CVRVV COMISSÃO DE VITICULTURA
DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SEMESTRAL | ISSN: 2183-5411
DIRECTORA Sofia Figueiras

04



Editorial



A rapariga mais bonita da festa

Com a vindima à porta, regressa a azáfama nas quintas para antecipar a procura dos mercados. O consumidor assume, de forma crescente, a preferência por vinhos brancos, com frescura e álcool moderado e, na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, não falta escolha para as diferentes exigências.

Aliás, a Região é tão diversificada e cumpre tão perfeitamente com as tendências mundiais de consumo, que se assemelha à rapariga mais bonita da festa: todos querem dançar com ela. A entrada de grandes empresas de referência com operação a decorrer noutras Regiões Demarcadas mostra que os Vinhos Verdes estão na moda e são uma aposta estratégica para os portfólios de distribuição e de exportação. Com castas autóctones que apaixonam enófilos por todo o Mundo, os Vinhos Verdes continuam a crescer em contraciclo com um sector que se vê a braços com uma vindima exigente e o excesso de produção.

Para dar resposta às muitas perguntas que assolam viticultores, produtores e engarrafadores, o Ministro da Agricultura esclarece: a destilação de crise não é uma solução mas antes uma alternativa e, por isso, urge repensar as medidas estruturais que garantam melhorias significativas para que os viticultores tenham a devida retribuição, posicionamento competitivo para maior valorização dos nossos vinhos, mais controlo dos processos, mais informação ao consumidor e a entrada em novos mercados. Com o Governo a reforçar a dotação para promoção, há mais de 14M€ destinados a impulsionar as exportações fora da União Europeia.

Mas não basta produzir com qualidade. Cada vez mais, é necessário afirmar a responsabilidade de produzir de forma sustentável. A tarefa é

exigente e acarreta investimento e competências técnicas que não aparecem num estalar de dedos, embora a sustentabilidade se expresse em várias dimensões, nomeadamente, na social. A ligação com a comunidade e a alavancagem de uma rede de contacto local para impulsionar diferentes projectos e materializar futuros é quase como fazer um exercício anacrónico de vizinhança e não parece assim tão difícil

Por sua vez, a crise climática continua a ser um tema na ordem do dia e o ano tem sido marcado por vagas de calor que provocaram escaldões, que reclamam medidas para mitigar os efeitos na vinha e até uma atenção maior a questões de enologia como o ácido málico, uma característica dos Vinhos Verdes que tem vindo a baixar com os efeitos do calor. No fim de contas, tudo se resume à permanente adaptação a um planeta em gradual aquecimento.

Por falar em boas práticas, o Enoturismo mantém a performance de crescimento que tanto contribui para a evolução do negócio do vinho e para o desenvolvimento socioeconómico nas várias sub-regiões. A 7 de Setembro, a CVRVV retoma o dia de portas abertas com “Quintas ao Sábado”, um programa de enoturismo que envolve 15 produtores. Para quem não chegar a tempo de reservar uma visita e as experiências do programa de 7 de Setembro, a Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal acaba de criar o Marketplace, um projecto pioneiro que representa um avanço extraordinário na promoção dos serviços de Enoturismo e que pode vir a afirmar-se, no curto prazo, como a principal ferramenta de promoção conjunta da Região no digital.

Sofia Galeão Figueiras

VITICULTURA



Certificação de Sustentabilidade avança nos Vinhos Verdes

Sogrape e Quinta da Raza têm o processo concluído, mas há várias outras empresas a prepararem-se para obter o Selo de Sustentabilidade. Investimentos associados e competências técnicas adequadas são o desafio

ILÍDIA PINTO

A implementação do Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Setor Vitivinícola na Região dos Vinhos Verdes enfrenta alguns desafios. Apesar de os agentes económicos reconhecerem que este é um fator diferenciador, que permite valorizar o vinho e aumenta a competitividade externa, a adesão ao referencial e a adoção de práticas de produção mais sustentáveis ainda não é a desejável, mas a transformação vai fazendo o seu caminho. Sogrape e Quinta da Raza são as duas entidades já certificadas. Há outras em preparação. Desenvolvido pelo Insti-

tuto da Vinha e do Vinho (IVV) e gerido pela Viní Portugal, o Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Setor Vitivinícola é composto por metas ambientais, económicas, sociais e de melhoria contínua, num total de 86 indicadores. Para este organismo, a adoção deste referencial é uma “prioridade absoluta, devido não só à necessidade urgente quanto ao estabelecimento das regras de certificação a nível nacional, mas também pela premissa expressa pelos mercados internacionais, a par da crescente apetência pelo consumo de produtos vitivinícolas produzidos de acordo com práticas sustentáveis”.

Uma ferramenta que se pretende de implementação simples, inclusiva e cre-

dível, e que pretende promover a visa ajudar os agentes económicos a identificar e a reduzir os riscos operacionais, de mercado, regulamentares e reputacionais relacionados com questões ambientais, sociais e de governação.

Sobre os desafios à sua implementação, o Diretor de Sustentabilidade da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Alexander Cornejo, destaca a falta de competências técnicas por parte dos recursos humanos das organizações, a par da necessidade de realizar investimentos financeiros para implementar as estratégias de sustentabilidade e obter a respetiva certificação. A CVRVV, através do Departamento de Sustentabilidade, I&D e Academia do Vinho propõe-se

fornecer os conhecimentos necessários e prestar apoio técnico para facilitar a adoção do referencial.

A Quinta da Raza foi a primeira empresa exclusivamente operacional na Região dos Vinhos Verdes a obter a certificação ‘Sustainable Winegrowing Portugal’, e Mafalda Teixeira Coelho aponta os elevados investimentos a nível ambiental necessários como um dos principais desafios do processo de certificação, mas também as dificuldades em termos de organização e documentação das práticas já implementadas.

Distinguida com o estatuto PME Excelência há três anos consecutivos, a demonstração da sustentabilidade económica da empresa foi simples, com algumas adaptações necessárias a nível de orçamentos e documentos de suporte. A nível social, destaque, entre outros, para a atenção da empresa para com a comunidade local, designadamente através de um programa de donativos a instituições da região, como o projeto SAUD’ARTE, que visa promover a saúde e o bem-estar através de práticas artísticas.

A gestão eficiente da água e da energia, designadamente com recurso con-

tadores do volume de água, utilização de rega gota-gota, de sondas, a instalação de painéis solares na vinha e na unidade de produção, e o controlo de pragas são algumas das medidas implementadas na empresa, que criou também um Plano de Paisagismo. Este plano visa plantar subarbustos, arbustos e árvores com o objetivo de evitar a erosão dos taludes, bem como contribuir para o enquadramento paisagístico das parcelas de vinha. Esta intervenção terá um papel ativo no fomento da biodiversidade, pela ação das plantas com capacidade melífera (um deleite para as abelhas e outros polinizadores), de alimento para a avifauna, através de plantas com bagas, e também de abrigo.

O facto de ser uma empresa já certificada pelo sistema ISO9001 e de fazer Produção Integrada foi meio caminho andado para responder a algumas das exigências do próprio referencial. Sem falar de uma série de práticas do dia a dia, totalmente interiorizadas como normais e habituais, mas que tiveram de passar a ser monitorizadas. “Qualquer certificação exige evidências e documentos, e essa foi uma grande dificuldade,

porque as práticas de sustentabilidade ambiental já existiam mas essa informação não estava devidamente organizada, documentada e evidenciada”, admite Mafalda Teixeira Coelho. Um processo longo, mas que “acabou por dar enormes e frutíferos resultados”.

Já a Sogrape, que tem implementado um Programa Global de Sustentabilidade que sob a designação *Seed the Future*, recebeu a certificação em todas as regiões portuguesas em que produz vinho. Das muitas medidas implementadas, destaca a Sogrape as iniciativas de produção de energia fotovoltaica, a gestão eficiente de recursos hídricos e conservação da biodiversidade, a par da promoção de um consumo moderado e responsável de vinho e o apoio às comunidades locais. Sem esquecer os investimentos regulares que faz em I&D e a colaboração contínua com diversas instituições científicas.

Sobre a mais-valia desta certificação, a Diretora de Comunicação Corporativa e Sustentabilidade da Sogrape considera que, apesar da sustentabilidade fazer parte do ADN do grupo desde sempre, tê-lo validado por uma entidade externa “atesta que o trabalho que estamos a fazer está bem feito e ajuda-nos a perceber que melhorias precisamos de continuar a implementar para reforçar a sustentabilidade em toda a cadeia de valor”.

Quanto às dificuldades, Mafalda Guedes, da quarta geração da família fundadora da Sogrape, reconhece que se trata de um processo moroso, que obriga à recolha de muita informação e à mudança de processos, com as vantagens inerentes: “O CSRD - a nova Diretiva de Reporte Corporativo de Sustentabilidade - vai-nos obrigar a todos a reportar a sustentabilidade e os indicadores não-financeiros da empresa, e quanto mais automatizado isso estiver, mais fácil é a recolha e análise dos dados”.



O Referencial de Sustentabilidade para o Setor Vitivinícola contempla 86 indicadores, distribuídos por 17 capítulos e agrupados em quatro áreas de intervenção: social, económica, ambiental e melhoria contínua

”A cativação de verbas resultante de taxas que pertencem ao setor é inaceitável”

José Manuel Fernandes garante que o Governo pretende “descativar as taxas que pertencem ao setor” para que sejam aplicadas em promoção, ferramenta “essencial para aumentar a perceção de valor dos nossos vinhos nos mercados externos”. Promete, ainda, um “apoio e atenção redobrada” para com o setor cooperativo.

ILÍDIA PINTO

Com o consumo mundial de vinho em queda há anos, como vê o futuro do setor em Portugal?

O setor vitivinícola português tem uma produção anual de cerca de 7 milhões de hectolitros, um consumo interno de 5,5 milhões e exportações na ordem dos 3,2 milhões de hectolitros. O setor enfrenta o desafio das alterações climáticas, a diminuição da procura à escala global, o aumento dos custos de produção e a acumulação de stocks. Existem, ainda, perturbações no mercado, resultantes do conflito Rússia-Ucrânia, que impede a exportação de vinho para a Rússia. O momento atual não é fácil, mas vamos vencer estes desafios. Não atiramos a toalha ao chão! Temos vinho com cada vez mais qualidade, fruto da competência dos produtores e dos nossos enólogos.

Crescer nos mercados internacionais é a ambição, qual é o caminho para lá chegar?

O Governo está a ser proativo e vai reforçar a dotação da Promoção e Comunicação com 14,2 milhões de euros para impulsionar

a exportação para países que não pertencem à União Europeia. Este montante está na reprogramação do PEPAC (Plano Estratégico da PAC), que esperamos ver aprovada em outubro. Acresce que estamos a trabalhar

na remoção de barreiras alfandegárias nos países para onde exportamos e na procura de novos mercados. Para crescer nos mercados internacionais, é essencial investir em promoção e marketing de forma mais agressiva e efi-

caz. Temos de reforçar o branding das nossas marcas e melhorar o posicionamento dos nossos vinhos em mercados de alto valor. Além disso, a criação de parcerias estratégicas, a participação em feiras internacionais e a abertura de novos canais de exportação são cruciais. O Governo já está a trabalhar para facilitar o acesso dos produtores a esses mercados, com especial atenção aos pequenos e médios viticultores, que necessitam de um apoio mais direcionado.

Não basta vender mais, é preciso vender melhor. Como pode o Governo ajudar neste desígnio, designadamente ao nível dos apoios à promoção?

É essencial não se perderem as mais valias que as DOP e as IGP representam. Temos de tirar partido dessas mais valias e acrescentar valor. Como referi, vamos reforçar a promoção do nosso vinho. Para além do reforço através do PEPAC, queremos descativar as taxas que pertencem ao setor e que são permanentemente cativadas, para que sejam aplicadas em promoção. Este reforço na promoção é essencial para aumentar

“Não faz sentido apoiar a plantação de vinhas para a seguir apoiar o seu arranque ou pagar a denominada “colheita em verde” que, no fundo, corresponde à destruição da produção.”



“O Governo vai reforçar a dotação da Promoção e Comunicação com 14,2 milhões para impulsionar as exportações para fora da UE”

José Manuel Fernandes ,
ministro da Agricultura e Pescas



O ministro da Agricultura e Pescas, José Manuel Fernandes

a perceção de valor dos nossos vinhos nos mercados externos.

E que medidas prévias é possível tomar quanto a um cenário extremado na política de alguns países? Como se podem contornar eventuais barreiras impostas por medidas protecionistas que podem vir a ser tomadas por países como os EUA ou o Brasil?

Em resposta a possíveis medidas protecionistas, o Governo português está a trabalhar em várias frentes. Estamos a intensificar os esforços diplomáticos para assegurar que os acordos comerciais existentes são mantidos e, se possível, melhorados. Além disso, estamos a diversificar os mercados de exportação para reduzir a dependência de mercados tradicionais e diminuir o impacto de políticas protecionistas. A cooperação com os nossos parceiros europeus é também vital para fortalecer a nossa posição negociadora a nível global.

Como pode o Governo ajudar a que haja um maior equilíbrio na distribuição da riqueza gerada pelo setor vitivinícola?

Não há a devida perceção da importância da agricultura e, nomeadamente, da produção de vinho. Há uma transversalidade ignorada. A produção de vinho é também gastronomia, turismo, coesão territorial, indústria, investigação e inovação. A cativação de verbas resultante de taxas que pertencem ao setor é inaceitável. Adicionalmente, e face à transversalidade que referi, não podem ser só os fundos da Política Agrícola Comum a apoiar este setor. O Orçamento do Estado, os fundos do Portugal 2030, aqueles que são destinados à investigação e à inovação, também têm de contribuir em prol de uma justa e equilibrada distribuição dos apoios. O setor coope-

rativo tem neste domínio uma importância fulcral merecendo, por isso, um apoio e atenção redobrada.

Os excedentes são, nas suas palavras, um “problema brutal”. Com o anúncio dos 15 milhões de euros de apoio de Bruxelas a uma destilação de crise em Portugal, prometeu medidas estruturantes que contribuam para o equilíbrio do setor. Como se resolve esta situação a médio e longo prazo?

Conseguimos um apoio de 15 milhões de euros, financiado pelo orçamento da UE, destinado à destilação. As negociações com a Comissão Europeia foram difíceis e fomos o único Estado-membro a conseguir. Mas a destilação não é uma solução, é um paliativo. Acresce que não voltaremos a ter uma destilação. As medidas estruturais passam pelo aumento da competitividade do setor, o acréscimo de valor ao nosso produto, o reforço implacável da fiscalização no que diz respeito à entrada de vinho ilegal, a melhoria em matéria de rotulagem para melhor informar o consumidor, o reforço da promoção e o alargamento a novos mercados.

O pacote aprovado por Bruxelas prevê que os 15 milhões possam ser complementados “até 200% com fundos nacionais”. Porque não foi reforçado?

O financiamento de 15 milhões de euros será repartido com base no quantitativo da representatividade das existências de vinhos tintos DOP e IGP, relativamente ao total nacional, estabelecendo-se uma dotação específica de 4,5 milhões de euros para a Região Demarcada do Douro e uma dotação específica de 10,5 milhões de euros para as restantes regiões vitivinícolas. Para os volumes de vinho aprovados da Região Demarcada do Dou-

ro, acresce um pagamento adicional nacional até ao limite de cerca de 3,5 milhões de euros, com origem em saldos transitados do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto. Assim, a dotação orçamental global afeta à destilação será de cerca de 18,5 milhões de euros. O montante do apoio, que inclui os custos do abastecimento de vinho e a respetiva destilação, é de 0,42 euros por litro. No caso do vinho produzido na Região Demarcada do Douro, ao valor acima mencionado acresce um pagamento adicional de 0,33 euros por litro sendo, portanto, 0,75 euros por litro.

Ainda acredita que é necessário colocar um travão aos apoios a vinha nova? O programa VITIS tem sido fundamental para a modernização da vinha e para o aumento da competitividade dos produtores e numa região como a dos Vinhos Verdes, onde a questão dos excedentes não se coloca, isso não seria bem compreendido.

Direi sempre a verdade aos agricultores. Há produtores que vendem todo o vinho que produzem, independentemente da região onde estão. Há outros que conseguiram aumentar a qualidade dos vinhos com investimentos na vinha e acrescentar valor ao que produzem. Por isso, não faz sentido acabar com o programa VITIS que apoia a reestruturação e reconversão de vinhas. Contudo, também há quem não consiga vender o que produz, e a verdade é que se escondem ao longo dos últimos anos o brutal acumular de stocks. Não faz sentido apoiar a plantação de vinhas para a seguir apoiar o seu arranque ou pagar a denominada “colheita em verde” que, no fundo, corresponde à destruição da produção. A destilação é uma medida de exceção e nunca uma solução. É neste contexto que admito aplicar um travão.

A importância do ácido málico nos Brancos à luz dos desafios das mudanças climáticas

As intervenções começam na vinha, com a escolha de clones de videiras mais resistentes ao calor, e assegurando a gestão certa da folhagem e da água. É vital colher as uvas no momento certo e, na adega, há que evitar que o málico se degrade



Regiões vitivinícolas que tradicionalmente apresentam grandes amplitudes térmicas, como é o caso da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, com dias quentes e noites frias, são ideais para a preservação de ácidos orgânicos nas uvas, sendo 90% ácido tartárico e málico. Contudo, as alterações climáticas têm reduzido essa amplitude, resultando em noites mais quentes e afetando a composição ácida das uvas durante a fase de maturação. São várias as estratégias possíveis para mitigar os impactos da menor ampli-

“As alterações climáticas estão a fazer-nos repensar tudo. Há uns anos, preocupávamo-nos com a exposição dos cachos, hoje já não os queremos tão expostos”

Anselmo Mendes,
Enólogo

tude térmica e para preservar a concentração de ácido málico nos vinhos brancos. A gestão da folhagem e intervenção em verde são vitais, bem como a gestão hídrica. A escolha de clones de videiras mais resistentes ao calor e que preservem melhor o ácido málico é também recomendado. As estratégias são múltiplas, consoante o perfil do vinho que se pretende obter. Anselmo Mendes lembra que o ácido málico já foi motivo de grandes desequilíbrios nos vinhos brancos da Região, obrigando à fermentação maloláltica nos vinhos brancos da Região, obrigando à fermentação maloláltica e/ou a técnica de adamar o vinho para contrariar o excesso de acidez.

Esta técnica ainda é muito usual, enquanto a fermentação maloláltica já ninguém a faz. Com ela os vinhos perdem o carácter frutado. “As alterações climáticas estão a fazer-nos repensar tudo. Há uns anos, preocupávamo-nos com a exposição dos cachos, hoje já não queremos cachos tão expostos, não só porque há mais calor, mas porque a luz tem cada vez menos qualidade, com mais ultravioletas e energia radiante muito mais forte. Eu, por exemplo, faço desponsas mais cedo, para promover folhas novas, aquilo que se chamam as netas, para a intercalar a luz e evitar que bata diretamen-

te no cacho. Temos que trabalhar melhor a vegetação e as ações em verde são cada vez mais importantes”, explica. A gestão da água é fundamental, devendo as plantas serem regadas logo que necessário, ainda antes de entrarem em stress hídrico. Por outro lado, o enrelvamento ajuda a manter um bom microclima na vinha. E porque a enologia começa na colheita, não é só na adega, Anselmo Mendes tem optado crescentemente pela vindima mecânica, de noite. As uvas estão mais frescas e os ácidos não se degradam tanto. Uma estratégia que está a pensar alargar aos vinhos de categoria superior, com a instalação de iluminação que permita fazer a vindima noturna manual. O importante é criar equilíbrio da matéria-prima. “Claro que podemos fazer correções, mas não é bem a mesma coisa fazer uma enologia curativa ou uma preventiva, vindimando na altura certa, com a acidez equilibrada, para obter vinhos frescos”, refere o enólogo. Na adega, acrescenta, “já ninguém lhe passa pela cabeça fazer a fermentação maloláltica nos vinhos brancos, embora eu ache que, em alguns vinhos superiores, quando a acidez é boa, podemos deixar chegar a maloláltica aos 20%, até para complexar os vinhos”.

Sendo o objetivo evitar a degradação do ácido málico, há sempre a hipótese de usar leveduras menos consumidoras de málico durante a fermentação. Em jeito de conclusão, Anselmo é perentório: “É verdade que o ácido málico ganhou protagonismo, mas não é determinante, nem é uma condição limitante. É mais um, dentro dos ácidos que fazem parte da uva, e deve ser preservado. Pode ser diferenciador, mas não é, por si só, o que dá tipicidade ao Vinho Verde”.

ACADEMIA DO VINHO VERDE

Próximas ações de formação

1	2	3	4
CONTROLO DE VINDIMAS	PREENCHIMENTO E SUBMISSÃO DE NOVAS DCP'S	CONHECER AS CASTAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES	INICIAÇÃO AO SERVIÇO E PROVA DE VINHOS
Formador: Joaquim Sá /CVRVV - Fiscalização e Controlo	Formador: Carla Sousa /CVRVV - Fiscalização e Controlo	/online Formador: Duarte Pereira (WSET 3) /Corks Supply	Formador: Duarte Pereira (WSET 3) /Corks Supply
Data: 2 de setembro	Data: 26 de setembro	Data: 23 de outubro	Data: 13 de novembro
Horário: 14 - 16H30	Horário: 14 - 16H30	Horário: 18H30 - 21H	Horário: 18H30 - 21H
Formato: Presencial (Casa dos Vinhos Verdes) /online	Formato: Presencial (Casa dos Vinhos Verdes)	Formato: Presencial (Casa dos Vinhos Verdes)	Formato: Presencial (Casa dos Vinhos Verdes)

Para mais informações sobre estas e outras formações futuras contacte academia@vinhoverde.pt ou aceda à Área Reservada



Novas informações sobre Selos de Certificação

Todos os modelos de selos de certificação emitidos pela CVR dos Vinhos Verdes, integrados nos contrarrotulos dos produtos vinícolas certificados, apresentam a possibilidade de serem impressos nas versões a preto e branco ou policromática (quatro cores).

Alterações normativas no vinho espumante

Para efeitos de certificação na Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes deixa de ser necessário efetuar a avaliação de conformidade do vinho base do vinho espumante, mantendo-se em vigor todos os requisitos para a categoria espumante de qualidade Denominação de Origem Vinho Verde.

Volumes máximos do vasilhame para a DO Vinho Verde



Nova legislação contempla as latas e as garrafas de vidro com mais de 5 litros

Está autorizada a comercialização de formatos especiais com vasilhame de vidro para a Denominação de Origem Vinho Verde. A alteração à legislação foi publicada em Diário da República a 8 de julho e contempla os vinhos e espumantes acima de cinco litros. A comercialização dos vinagres e das aguardentes com indicação de sub-região, indicação de casta ou designativos de qualidade só pode ser efetuada em garrafa de vidro, que no caso das aguardentes não pode ultrapassar o volume nominal de 70 centilitros. As novas especificações estabelecem ainda que os vinhos com direito a DO Vinho Verde, incluindo com indicação de sub-região, indicação de casta ou designativos de qualidade, podem ser introduzidos no consumo em vasilhame de metal, desde que este não ultrapasse o volume nominal de 25 centilitros, e esteja “munido de dispositivo de fecho irreversível, rotulado e com a certificação do produto documentada através de selo de garantia”.

Para Bernardo Gouvêa, “será expectável que das

Quintas ao sábado: Enoturismo da Rota dos Vinhos Verdes de Portas Abertas a 7 de setembro



A 7 de Setembro, entre as 10 e as 19 horas, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) promove “Quintas ao Sábado”, mais uma edição do Dia de Portas Abertas, durante o qual 15 aderentes da Rota dos Vinhos Verdes preparam programas e atividades para receber os visitantes em vários pontos da Região.

Caminhadas na vinha, workshops de artes na vinha para adultos e crianças, passeios de comboio turístico, experiências de enologia para curiosos, provas de vinhos simples ou provas premium, brunch, petiscos tradicionais, passeios de jeep nas vinhas, entre tantas outras propostas distribuídas por toda a Região, é possível escolher diferentes roteiros e conhecer o modo de vindima e de produção de vinho nas várias sub-regiões. Algumas quintas promovem atividades gratuitas no Dia de Portas Abertas, recomendando-se a inscrição prévia junto dos diferentes aderentes em www.vinhoverde.pt

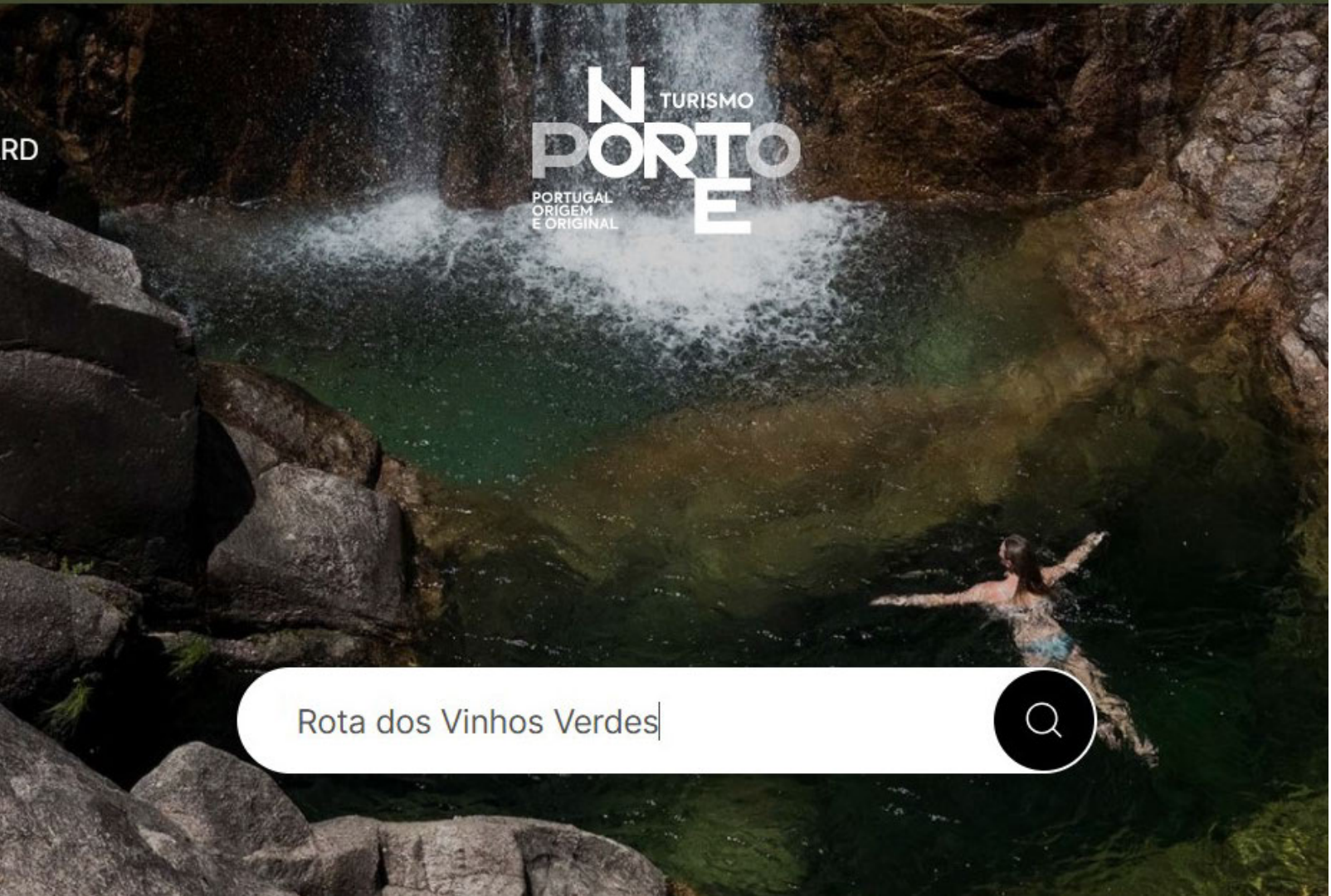
São vários os programas destinados aos consumidores de Vinho Verde que dão a conhecer os vários perfis de vinhos da Região e promovem o contacto direto com os produtores: Adega de Monção (Monção),

Quinta da Aveleda (Pena-fiel), Casa da Tojeira (Cabeceiras de Basto), Palácio da Brejoeira (Monção), Quinta da Lixa/Monverde Wine Experience Hotel (Amarante), Quinta da Raza (Celorico de Basto), Quinta das Arcas (Valongo), Quinta de Lourosa (Lousada), Quinta de Santa Cristina (Celorico de Basto), Quintas de Melgaço (Melgaço), Quinta de Soalheiro (Melgaço), Quinta de Tamariz (Barcelos), Quinta dos Encados (Guimarães) e Quinta Edmundo do Val (Valença do Minho) são os pontos de paragem obrigatória no primeiro sábado de Setembro.

“A iniciativa Quintas ao Sábado é promovida anualmente pela CVRVV para dar a conhecer os diferentes circuitos de enoturismo da Rota dos Vinhos Verdes em tempo de vindima. As várias quintas abrem as portas aos muitos visitantes que procuram conhecer mais sobre os vinhos e as experiências propostas pelos produtores, o que é também uma excelente oportunidade para descobrir a Região dos Vinhos Verdes através de atividades ao ar livre que podem ser realizadas em família. Para os enófilos há também várias provas exclusivas nas diferentes quintas, que permitem conhecer colheitas mais antigas e vinhos com estágio que revelam todo o potencial da Região. Sobretudo, o primeiro sábado de Setembro é uma afirmação anual da versatilidade e diversidade da Região Demarcada dos Vinhos Verdes.

A Rota dos Vinhos Verdes abrange 48 concelhos no Noroeste de Portugal, nos quais o Vinho Verde serve de mote para partir à descoberta de quintas, adegas, restaurantes, unidades de alojamento e empresas de animação turística que oferecem diversas propostas de atividades e itinerários, proporcionando experiências culturais associadas à temática do vinho.

Consultar programa em www.vinhoverde.pt



Marketplace do Porto e Norte já disponibiliza mais de 350 experiências turísticas.

Plataforma pretende ajudar a “superar a fragmentação do setor”, predominantemente composto por micro e pequenas empresas “com recursos limitados e pouca presença digital”

ILÍDIA PINTO	Norte e mais de 350 experiências turísticas.	e pequenas empresas com recursos limitados e pouca presença digital. E há metas a cinco anos: atingir 217 empresas, cerca de 700 experiências e um volume de vendas de 1,6 milhões de euros.	mo, quiosques, e um módulo gerador de <i>websites</i> de marca própria para empresas. Além de aumentar a maturidade digital das PME locais e expandir o alcance de novos mercados, o objetivo principal é promover a digitalização transaccional das PME, especialmente em territórios de baixa densidade, melhorando assim a dis-
	Gerido pela Associação de Turismo do Porto e Norte de Portugal, o projeto, que contou com o apoio do Turismo de Portugal, através do programa Territórios Inteligentes, pretende ajudar a “superar a fragmentação do setor”, predominantemente composto por micro	“O <i>marketplace</i> é mais do que um site de e-commerce, é um ecossistema que inclui uma rede de postos de turis-	o, quiosques, e um módulo gerador de <i>websites</i> de marca própria para empresas. Além de aumentar a maturidade digital das PME locais e expandir o alcance de novos mercados, o objetivo principal é promover a digitalização transaccional das PME, especialmente em territórios de baixa densidade, melhorando assim a dis-

tribuição dos visitantes, o combate à sazonalidade, e a sustentabilidade do turismo na região”, explica Luís Pedro Martins, presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal.

Lançada a 8 de abril de 2024, a plataforma tem tido uma adesão crescente por parte de empresas e de clientes, com o impacto consequente na economia local. Procura promover a descentralização da procura turística e incentivando o aumento de reputação de lugares menos conhecidos pelos turistas, mas detentores de um elevado potencial turístico.

Além de um website transaccional, que lista a oferta de experiências e que permite o agendamento e compra das mesmas, este ecossistema “foi também pensado para acompanhar a estada do cliente no destino, através de um apoio à compra, aconselhado por profissionais de turismo, nos postos de turismo do Porto”. Brevemente, diz a Associação, estará ainda disponível em formato quiosques, com

transação, em pontos relevantes de afluência turística.

Quem recorre ao *marketplaces* são turistas nacionais e internacionais, “interessados em experiências autênticas e exclusivas, de grande aproximação às comunidades e ao território e, ainda, aqueles que valorizam a relação com a Marca Oficial do destino”. Em termos de mercados, destacam-se, além de Portugal, Espanha, França, EUA, Reino Unido, Irlanda, Itália, Alemanha, Holanda e Brasil. Turismo cultural, enoturismo, natureza, turismo de aventura e náutico são as categorias mais populares.

Mas há ainda muito mais na calha. Segundo este responsável, um dos projetos mais aguardados é a evolução tecnológica do *marketplace* para incluir uma versão B2B (*business-to-business*), um desenvolvimento “crucial para as empresas locais”, na medida em que permitirá a ampliação do seu alcance não apenas junto do público final, mas chegando também a distribuidores internacionais, que são *players-chave* na multiplicação de oportunidades de negócio.

“Esta componente B2B abrirá portas para colaborações comerciais, parcerias com agências de turismo e operadores de viagens, ampliando a visibilidade e o alcance das experiências turísticas oferecidas pela região. O ambiente B2B permitirá que as empresas locais vendam diretamente para distribuidores, permitindo um impacto positivo nas suas operações e alcance de mercados internacionais”, diz Luís Pedro Martins, que acrescenta: “As empresas terão a oportunidade de integrar as suas ofertas em catálogos de agentes de viagens e operadores turísticos, criando uma rede sólida que permitirá aumentar significativamente as oportunidades de negócio e geração de receita”.

Para mais informações visite <https://booking.visitportoand-north.travel/pt/>

Há novos investidores na Região em busca de diversificação e qualidade

Com os consumidores a procurarem, crescentemente, vinhos brancos, frescos, e com menor teor alcoólico, a Região dos Vinhos Verdes tem todo o potencial para continuar a crescer e a afirmar-se com o seu terroir único no contexto internacional

ILÍDIA PINTO*

A Região Demarcada dos Vinhos Verdes tem vindo a atrair novos investidores que, em busca da diversificação da sua atividade, aqui encontram um terroir único que dá vinhos de excelência. Só na última década e meia, cerca de uma dezena de grandes projetos nasceram na região. Conheça-os aqui.

JOÃO PORTUGAL RAMOS

A aposta de João Portugal Ramos nos Vinhos Verdes data de 2010, no Paço do Cardido, no Vale do Lima, a que volta agora, catorze anos depois com o anúncio de uma “forte aposta” numa sub-região que “tem muito a oferecer no que diz respeito ao seu clima e terroir, sendo propícia à produção de vinhos brancos frescos e de muita qualidade”.

Em comunicado, um dos mais reconhecidos enólogos portugueses, com mais de três décadas de trabalho dedicado aos vinhos portugueses, deu recentemente conta da transferência da sua operação de Monção e Melgaço para Ponte de Lima,



24 000 ha

É a área total de vinha na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, uma das maiores da Europa. Conta com 13.110 vitivinicultores e 379 engarrafadores.

através de uma parceria com a família Portela Moraes, dando conta que isso permitirá ao grupo reforçar a sua presença nesta região com maior controlo sobre a vinha e matéria-prima. Só assim, diz, “é possível assegurar a qualidade reconhecida nos seus vinhos, mas também dar resposta a um mercado exigente e que cada vez dá mais protagonismo à casta Loureiro”. Os primeiros vinhos vinificados no Paço do Cardido, saídos da próxima vindima, chegam ao mercado no final do ano.

Presente também no Alentejo, Douro e Beiras, “com o compromisso de entregar vinhos de elevada qualidade e que representem o melhor de cada região”, o grupo João Portugal Ramos Vinhos exporta cerca de 60% do que produz para mercados como Polónia, Suécia, Estados Unidos da América, Brasil, China, Angola, Bélgica, Canadá, entre outros.

CASA SANTOS LIMA

Presente nos Verdes desde 2014, através da Casa de Vila Verde, a Casa Santos Lima (CSL) considera que esta é uma “operação estratégica” para o grupo, pelo que tem feito “inves-



timentos anuais significativos” na modernização da adega, com novos equipamentos, e no aumento da área de vinha. Em estudo está um eventual investimento numa nova adega.

Este é um grupo familiar, que vai já na quinta geração, e que produz vinho em sete das 14 regiões vitivinícolas nacionais, nas quais produz cerca de 30 milhões de garrafas, 90% das quais são exportadas para mais de 50 países. Atualmente, o grupo CSL gere mais de 50 hectares de vinha nos Vinhos Verdes, mas admite que está “constantemente” a avaliar novas oportunidades.

“Caso reforçemos a presença na região, privilegiaremos a plantação de cas-

tas autóctones, tais como, Alvarinho, Avesso ou Loureiro, ou mesmo uma casta tinta, dada a notoriedade e aceitação que o vinho rosé desta região tem”, admite o administrador delegado da CSL.

Para Luís Olazabal de Almada, a crescente procura dos consumidores por vinhos brancos, aromáticos e frescos, bem como por vinhos com menor teor alcoólico, dá à Região dos Vinhos Verdes um potencial significativo para crescer e se consolidar no mercado internacional. “Na qualidade de potencial “embaiador” dos vinhos portugueses, a Região dos Vinhos Verdes (RVV) poderá ter um papel determinante no aumento da quota de mercado de vinhos nacio-

nais em mercados em desenvolvimento. Poderá também contribuir de forma relevante para Portugal aumentar a sua quota em países desenvolvidos, onde esta é, desequilibradamente, inferior à de outros países como a Espanha, França ou Itália”, defende.

CASA ERMELINDA FREITAS

Com 10 hectares de vinha na Quinta do Minho, na Póvoa do Lanhoso, a Casa Ermelinda Freitas compra ainda uvas a mais de uma dezena de viticultores. Uma aposta que data de 2019, decorrente da vontade do grupo, liderado por Leonor Freitas, de complementar o seu portefólio. E embora seja uma produção pequena, de umas cente-

nas de milhares de garrafas ao ano, o grupo “acredita muito” na região. “O Vinho Verde é um vinho diferenciado, único, que vai continuar a crescer no mundo e a Casa Ermelinda Freitas quer ajudar e fazer parte desde crescimento”, diz.

ESPORÃO

Foi também em 2019 que o Esporão, de José Roquette, anunciou a compra da Quinta do Ameal, no Vale do rio Lima, uma propriedade de 30 hectares “pioneira na afirmação da casta Loureiro”.

E foi precisamente por acreditar que a Região dos Vinhos Verdes “pode ser das melhores do mundo para produzir brancos” que o Esporão aqui inves-

tiu, ambicionando tirar partido da “oportunidade de produzir um dos melhores vinhos brancos do mundo”. José Luís Moreira da Silva, diretor de Enologia e administrador de produção do Esporão nunca escondeu o seu fascínio pelas qualidades de envelhecimento dos Vinhos Verdes, uma estratégia que a região tem vindo a reforçar crescentemente.

FALUA

Grande é a ambição do Grupo Rollier na RVV, onde entrou em 2021 com a aquisição da Quinta do Hospital, na sub-região de Monção e Melgaço, após a compra da Falua e da icónica Vinha do Convento, na região do Tejo. Aos 10 hectares de Alvarinho jun-

tou-lhe, em 2022, outros tantos de Loureiro e um hectare de Padeiro, que plantou em Soutelo, Vila Verde. E no início de 2025 está já decidido que serão plantados mais 10 hectares de Alvarinho em Monção.

Antonina Barbosa, diretora-geral da Falua, acredita que esta é uma região com “enorme potencial” para abraçar o futuro, “com muito trabalho feito, mas muito ainda por fazer”. E a Falua “quer muito contribuir para o sucesso crescente da Região dos Vinhos Verdes, baseado na valorização, na qualidade e na diferenciação dos seus territórios e respetivos vinhos”.

SYMINGTON

Depois da compra, em 2017, da Quinta da Fonte Souto, no Alentejo, a aquisição, cinco anos depois, da Casa de Rodas, em Monção, foi a “extensão natural” no plano de diversificação da Symington Family Estates fora do Douro. Um investimento que “fez todo o sentido” para o grupo, atendendo à “elevada qualidade dos vinhos, com destaque para os Alvarinho, e à crescente procura, nacional e internacional”, pelos mesmos, refere o Head of Wine Development do grupo.

Pedro Ferreira Leite não avança com números, em termos de produção, atendendo a que a vindima de estreia foi em 2023 e que uma grande parte dos 27,4 hectares de vinha que a propriedade tem será alvo de “investimento significativo” de requalificação. Definido está que irá criar uma gama de vinhos de quinta da histórica Casa de Rodas, a partir da casta Alvarinho, “alavancando não só o legado da propriedade, mas também a chancela de qualidade da sub-região.

Quanto ao potencial futuro da RVV, este responsável é perentório: “Achamos que os vinhos portugueses estão sub-representados nos mercados in-

ternacionais, especialmente se atendermos à sua qualidade. Estamos determinados em desenvolver essa presença e acreditamos que os Vinhos Verdes (com destaque para os Alvarinho) têm características identitárias e qualitativas especialmente fortes para propiciar o seu continuado crescimento”.

FLADGATE PARTENERSHIP

2023 marca a entrada do grupo The Fladgate Partnership (TFP) nos vinhos tranquilos, com a compra da Quinta da Pedra, em Monção, e mais duas propriedades no Dão e Bairrada. Com mais de 300 anos de história no Vinho do Porto, o grupo rende-se à necessidade de dar resposta à procura crescente dos seus distribuidores com uma oferta alargada.

Sobre os Verdes, onde tem também um arrendamento de longo prazo do Paço de Palmeira, em Braga, Adrian Bridge fala numa região com um “potencial fantástico” para a produção de “vinhos únicos, muito distintos e com imensa autenticidade e qualidade”. Estes responsáveis não tem dúvida do potencial da RVV para ser “uma das grandes regiões, a nível mundial, para brancos frescos e únicos, e com grande potencial de guarda” e é esse o projeto que pretende desenvolver, prometendo reforçar investimentos em novas vinhas, designadamente com 7 a 8 hectares adicionais de Alvarinho.

WINESTONE

A arrancar com sua operação na região está a Winestone, plataforma de negócios do grupo José de Mello para o setor do vinho, que assinou, o ano passado, um contrato de exploração de longo prazo do Paço de Teixeira, em Baião. Um projeto em que promete respeitar o legado e história da marca, honrando, em simultâneo, o património da região e o seu “potencial extraordinário”.

“Não temos qualquer dúvida que o crescimento do setor e a valorização do vinho português passarão a ser interpretados pelo Vinho Verde. Não só porque este responde às tendências de consumo mundiais, mas também pela capacidade desta região em produzir vinhos de elevada qualidade e de enologia diferenciada. Numa região muito conhecida, por exemplo, pela casta Alvarinho, Paço Teixeira encontra nos solos xistosos que ocupa [com Avesso] uma assinatura muito própria”, refere fonte oficial da Winestone. A empresa elogia o “excelente trabalho” feito pela região ao nível da promoção internacional, mas acredita que “há ainda um potencial imenso de crescimento e de resposta a segmentos de mercado de alto valor”.

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



Escaldão obriga a repensar as práticas na vinha

Há cada vez mais fenómenos extremos, em consequência das alterações climáticas, e mesmo na RVV é preciso adaptar as práticas agronómicas e escolher as castas e porta-enxertos mais adequados

As alterações climáticas e, sobretudo, os fenómenos extremos acarretam novos riscos e novos desafios para os viticultores. Mesmo na Região dos Vinhos Verdes, onde a influência atlântica se traduz em temperaturas frescas e

chuvas abundantes, os casos de escaldão têm vindo a ser cada vez mais frequentes, com os consequentes prejuízos para os viticultores.

O tema tem vindo a merecer atenção crescente por parte dos investigadores que pretendem ajudar os produtores a encontrarem as melhores estraté-

gias para evitar o escaldão ou, pelo menos, para mitigar os seus efeitos.

Miguel Costa, professor assistente no Instituto Superior de Agronomia (ISA), refere que o escaldão é um problema crescente na viticultura nacional e mediterrânica devido ao aumento das temperaturas do ar e a solos tendencial-

mente mais secos combinado com ondas de calor mais frequentes e longas resultantes das alterações climáticas. "Na Região dos Vinhos Verdes, e apesar de um clima mais ameno e húmido, essas mudanças podem também causar perdas relevantes, em especial se as práticas culturais forem erróneas, por exemplo, se a desfolha for feita tardiamente e em situações de maior stress hídrico", frisa.

Para este responsável, "é essencial otimizar o momento da desfolha (em caso desta ser feita) e haver melhor conhecimento/previsão das condições climáticas e conhecimento da tipologia e da condição do solo, assim como da suscetibilidade das castas". O momento e intensidade da desfolha mais corretos "é crucial", acrescenta, sublinhando que "quando esta é feita durante a floração há uma redução do vingamento dos bagos, pelo que há um impacto direto na produção final, com cachos menos compactos". Se feita durante o vingamento esse impacto negativo não ocorre.

"E se a desfolha for feita numa fase fenológica mais adiantada (após o fecho do cacho), promove-se a exposição repentina dos cachos à radiação solar direta e durante a fase do ano com temperaturas e humidade relativas mais baixas, logo, com maior risco de ocorrência de ondas de calor o que favorece o escaldão", refere.

Miguel Costa recomenda, ainda, que haja uma boa caracterização do solo antes da plantação, bem como uma boa informação sobre as características do porta-enxerto e da variedade de casta a plantar. "Encomendar e comprar material com tempo para plantar no momento correto e garantir uma boa instalação da vinha" são outras sugestões que deixa, salientando que "o 1103 P tem resultado bem na região em geral, e permite explorar o solo em profundidade, e proteger

contra o stress hídrico". Mas, volta a sublinhar, "tudo depende das condições do solo e das disponibilidades hídricas da parcela".

Lia-Tânia Dinis, investigadora no Departamento de Agronomia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), acredita que a Região dos Vinhos Verdes "é aquela que melhor se está a preparar" para lidar com as consequências das alterações climáticas, designadamente o escaldão, porque está a aprender com outras, como o Douro e o Dão, que já estão a sofrer muito com este problema. No entanto, lembra que a diversidade de microclimas nas várias sub-regiões dos Vinhos Verdes "torna a gestão deste risco mais complexa".

A adaptação das práticas agronómicas para minimizar os efeitos do escaldão é vital, defende, mas também é preciso "refletir sobre a sensibilidade" das próprias castas a estes fenómenos, sabendo-se que Alvarinho e Loureiro são, pelas suas características genéticas, castas mais suscetíveis ao stress hídrico e ao escaldão.

A gestão da folhagem e do sombreamento, a utilização de rega adequada e a monitorização da humidade no solo são medidas importantes, mas também há que escolher sistemas de condução da vinha que melhor consigam proteger as uvas da exposição solar.

Lia-Tânia Dinis recomenda, ainda, que o viticultor considere o uso de redes de ensombramento ou protetores foliares quando se trata de vinhas já instaladas e nas quais não é possível mexer. As coberturas vegetais espontâneas ou o *mulchings* são também importantes porque ajudam a manter a humidade do solo e a criar um microclima mais favorável para as raízes", sustenta. ●

Para mais informações contacte o Departamento de Sustentabilidade, I&D, Inovação e Academia do Vinho Verde
alexander.cornejo@vinhverde.pt